

Consagrações póstumas

DE vez em quando, anuncia-se nas colunas dos jornais uma homenagem a um vulto de renome nas letras ou na arte. Ou por iniciativa das chamadas estações oficiais, ou pela de particulares, a consagração resulta em geral mesquinha, frouxa, quando não ridícula. Em Portugal, a forma de manifestação de preito mais usual consiste na simples colocação duma lápide onde o consagrado nasceu ou morreu, ou na corriqueira denominação com o seu nome de qualquer arruamento. Só isto é quando é!

O culto dos homens de envergadura mental fora da craveira vulgar faz-se, em geral, tardiamente e sem critério nem grandeza. Chega a parecer uma afronta ao talento, preparada pelos mediocres e pelos maus que, para se «darem arés» tomam sobre os seus ombros a empresa de prestar homenagem a aqueles de quem, em via de regra, não conhecem a obra.

A consagração oficial, mórmente, espectacularmente ridícula, só se lembra da existência dos grandes homens quando a Morte por sobre eles tem feito passar o véu denso do esquecimento.

Está a história cheia de exemplos destes. Na tarefa árdua de espalhar a Beleza e o Bem, os grandes escritores, os grandes artistas, arrastam uma vida de dificuldades, experimentam os sacrifícios mais notórios, lutam com toda a sorte de flagelos, de privações, de más vontades. Enquanto vivem essa vida difícil dos homens de talento, ninguém olha para eles, ninguém repara no seu génio, ninguém atenta nas suas doutrinas, nos seus ensinamentos. Há uma repulsão estrutural da parte dos seus contemporâneos em reconhecer o quilate da sua gestação mental, o ardor da sua tenacidade, o ritmo do seu trabalho, a proficuidade da sua produção literária ou artística. Os anos vão passando, a ingratitude vai sendo reconhecida, os nomes que marcaram e com quem pessoa alguma se importou, citam-se a cada passo de cor, num clamor de censura, num arrepio de tristeza pelo abandono a que os lançaram, pela indiferença com que os olham.

Principalmente os que vivem das letras e da arte morrem a mingua, estoiram de indignância. Ninguém os ouve, a providência oficial emudece, o sentimento de amparo embota-se, o estímulo do trabalho esteriliza desoladoramente, e esses homens, romancistas, músicos, pintores, escultores, jornalistas, etc... caem no mais profundo dos isolamentos, desacompanhados de protecção, de incitamento, de sanção oficial. Ninguém fala deles e, quando alguém o faz, ou é para amesquinhar, ou para embaraçar a sua obra. E então apodam-nos de tudo: de visionários, de sentimentais, de fúteis, de platónicos e até de inúteis, porque a finança, a política, a disciplina social, jamais servem aqueles que não se subordinam a ficções, a torpezas, a trapaceamentos de vida. Nem é necessário mencionar nomes como Camões, Bocage, Gomes Leal.

E? no estrangeiro? Menos agora, mas muitos outrora. Uma revista estrangeira que temós à mão diz-nos, a propósito dos músicos: «As camisas de Mozart tinham mais buracos do que botões»; Beethoven, com toda a protecção particular que logrou, não satisfaz, pela sua vida difícil, o desejo da viagem à Provença, «onde as mulheres são moldadas como Vénus», e de adquirir uma casa onde se finasse contemplando os retratos dos mortos queridos; Schubert viu-se obrigado a vender os seus livros para poder pagar a sua entrada no teatro onde se representava o «Fidelio» de Beethoven.

E, quantos casos como estes?

Caiu o pano sobre o último acto da vida dos grandes homens. A multidão agita-se encaminhada pelos que têm na mão o leme do Es-

tado. Ergue-se então, perante todos, a sombra espessa dos que morreram e foram alguém. A' custa do seu nome, podem ainda lucrar os que a sorte guindou às culminâncias do mando. Consagrem-se portanto; aproveite-se o momento para ligar o nome à consagração. Os que morreram já não afrontam a nossa obra negativa, já não nos assustam com o seu génio, a nós, tóupeiras, sapos, raça geológica sem proveito a quem eles anatematizaram ou pelo me-

nos não quizeram humilhar-se. Assim falam os mentecaptos da finança e da política.

Levanta-se então mais uma estátua em geral inexpressiva. A' esquina duma rua, perdido num bairro distante, aparece o letréiro com o nome do consagrado... até que um vercação o apague para pôr outro, dum presidente duma junta de freguesia que nasceu... bom republicano!

NOGUEIRA DE BRITO

Os verdadeiros e reflexivos heróis

no conceito do sr. António Sérgio

NUM bosquejo histórico destinado ao «Guia de Portugal», o publicista e crítico sr. António Sérgio golpeou fundo a ienda que emprestava ao *Encoberto* qualidades de grande chefe. Na sua «Exortação à Mocidade», o escritor sr. Malheiro Dias insurgiu-se contra a iconoclastia do crítico e, na peugada de António Nobre, chamou a D. Sebastião «o mais admirável herói da História», apontando-o, por sua conta, como «lição eterna de beleza». O sr. António Sérgio publicou depois o livro «O Desejado» e o folheto «Camões e D. Sebastião», nos quais demonstrou os fundamentos do seu asserto. Replicou-lhe o sr. Malheiro Dias no Prefácio da 2.^a edição da *Exortação*, o que deu lugar a uma tréplica do sr. António Sérgio, inserta nas colunas da «Seara Nova» e agora publicada em livro, acrescida de algumas notas.

A todos os livros referidos se fizeram breves referências nas colunas deste *Suplemento*. Breves porque o espaço não sobejava e porque os conhecimentos do noticiário não davam ensanchas para mais. Demonstrámos assim, conforme pudemos, que seguíamos com atenção a polémica, não pela categoria dos contendores, nem por termos um interesse especial pelo assunto que se debatia, mas por vislumbrarmos nela indícios duma nova orientação da crítica histórica, duma mais honesta maneira de fazer história, indícios — esclareçamos — unicamente revelados pelo sr. António Sérgio.

A história, sempre deturpada segundo as conveniências da Igreja e dos reis, era-o modernamente — é-o ainda — por espírito patriótico, por correcção cívica, por dignidade nacional. Nem os historiadores mais imparciais, como Herculano, nem os menos eivados do espírito reaccionário, como o foi Oliveira Martins até certa altura, escaparam a essa pecha. Pretendia o sr. António Sérgio fugir à regra? Pareceu-nos; daí o entusiasmo com que festejámos as suas intenções.

E' certo que o sr. António Sérgio «cantara a tempo», como o louco que D. Pedro V visitou no manicómio e quasi o convenceu de que tinha juízo. Logo na portada de «O Desejado», o crítico dedica a sua obra «À memória de Nun'Alvares, Infante D. Henrique, D. João II, reflexivos e verdadeiros heróis». Notámos-lhe logo, também, o contra-senso, acentuando que a não se tratar duma «questão pessoal» com D. Sebastião, os outros «reflexivos heróis» deveriam ser reduzidos às suas justas proporções. Isto da «questão pessoal», que encheu de júbilo o sr. Malheiro Dias, levou-o a escrever duas frases — não sabemos ainda se irónicas se amáveis — para aquilo a que ele chamava o «crítico comunista» e que é tam somente o obscuro noticiário, que, graças à amizade de alguns e à tolerância de todos, aqui rabisca, de vez em quando, umas linhas.

Ora, a nossa discordância com o sr. António Sérgio sobre as personalidades de Nun'Alvares, de D. Henrique e de D. João II, não agradou

ao autor de «O Desejado», que agora na nota J da sua *Tréplica* diz, a pag. 88:

«Não chamei imbecil ao seu «herói» por haver planeado e executado (*executado... é favor*) a conquista de Marrocos — isto é, pela finalidade que se impôs; mas pelas tolices que disse e fez, constantemente, ao tratar dos meios de execução — p. 36.

«Isto, como é fácil ver, responde ao crítico da *Batalha*, o qual nega também o heroísmo a Nun'Alvares, ao Infante D. Henrique e a D. João II, porque praticaram actos que ao mesmo crítico, segundo as suas crenças ou opiniões, não merecem aprovação moral. Não está bem. O que faz o heroísmo, repito, é a capacidade que demonstrou um homem para as criações de grande alcance, de influência vasta e decisiva nos destinos dos seus semelhantes, por desagradáveis que nos possam ser, às vezes, os meios de que se serviu.»

Não é justo o sr. António Sérgio quando diz que negamos a qualidade de heróis a determinadas pessoas «porque praticaram actos» que segundo as nossas «crenças ou opiniões não merecem aprovação moral».

Se o herói se define pela sua «capacidade para as criações de grande alcance», simplesmente nós não encontramos essa «capacidade» revelada nas três figuras históricas referidas. Ignorância nossa, de-certo, falta de sensibilidade, talvez; mas nunca paixão, nunca o preconceito do antagonismo ideológico, que seria duma insensatez absurda. Nós inimigos políticos de Nun'Alvares Pereira ou de D. João II, assim como o sr. Cunha Leal o é do sr. Teixeira Gomes! Que ridículo!

O conceito do heroísmo de Emerson, que o sr. António Sérgio perfilha, satisfaz-nos: Por muito que a nossa sensibilidade repugnem os meios de acção de que se serviram, não temós dúvidas em considerar heróis: Napoleão, César e mesmo Afonso de Albuquerque. Por muito que nos desagradem os efeitos da sua obra, reconhecemos como heróis: S. Paulo, Santo Inácio de Loyola, Lutero. Herói, segundo o conceito emersoniano, foi Lenine; herói é, a-pesar-de tudo, Mussolini. Já vê o sr. António Sérgio...

Heróis, «segundo as nossas crenças ou opiniões», são aqueles que criam uma obra de grande alcance, *conscientemente*; que são causa de extraordinários efeitos, *conscientemente*; que se traçam um plano e o executam *inteligentemente*, quanto em si cabe.

Herói não é Afonso XIII, que escapa a sorrir aos atentados; é, por exemplo, Sacadura Cabral, que sabe o que quer, o diz e o executa, com ciência e consciência, através dos riscos previstos. Para se ser herói, é preciso, primeiro ser inteligente, depois saber o que se quer e dizê-lo, ou dá-lo a entender. E se aquilo que se quer, pensa ou faz é na verdade de grande alcance, «de influência vasta e decisiva nos destinos dos seus semelhantes» — é-se herói, no bem, como Pasteur, ou no mal, como Bismarck.

J. B.